

Os Evangelhos: visão geral

Cristo nada escreveu. Ele pregou o reino de Deus. Apresentou sinais e fez prodígios que confirmaram sua missão divina. Cumpriu as Escrituras. Resgatou a humanidade com seu sacrifício de valor infinito. Ressuscitou dos mortos. Instituiu sua igreja. Enviou o Espírito Santo que havia prometido aos seus discípulos. No meio da primeira comunidade de crentes suas palavras foram transmitidas, refletidas, assimiladas. Num contexto específico, querido por Deus, foram acentuados aspectos fundamentais da Boa Nova que Ele trouxera do céu à terra. Muito provavelmente foram surgindo escritos que compendiam sua sublime doutrina. Quatro evangelistas, inspirados pelo Espírito Santo, captaram tudo que se dizia e se escrevia sobre Ele. Tornaram-se, deste modo, verdadeiros autores de quatro textos admiráveis que nos conservaram os ditos do Senhor Jesus e seus feitos. Não foram eles meros compiladores. Três deles seguem o mesmo esquema. Por entre concordâncias e discordâncias naturais às circunstâncias em que redigiam eles apresentam o essencial, o núcleo básico da mensagem do Mestre. Sinceros e bem informados, Mateus, Marcos e Lucas são os autores dos Evangelhos chamados sinóticos, ou seja, eles dão uma sinopse, uma síntese, um resumo do que falou e fez Jesus de Nazaré. São João segue caminho próprio.

A relação entre os três evangelistas é um aspecto que vem intrigando os biblistas através dos tempos. Destaque-se que há nos sinóticos, indiscutivelmente, uma unidade substancial dos fatos e das palavras. Harrington mostra que “os elementos-chave da solução estão na pré-história dos evangelhos; não bastará estudarmos somente os evangelistas. Por outro lado, a tradição oral não elucidará por si mesma a intrincada relação existente entre os três evangelistas: há contatos literários entre eles”. Este autor fala nos três estágios: “Jesus Cristo, a igreja apostólica e os evangelistas. Só quando levamos todos os três em conta é que podemos realmente compreender os evangelhos”. Este é aspecto básico para o estudo destes livros, que constituem o que de mais excelso a humanidade possui por registrarem este fato único e sublime: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Observa Piero Rossano: “A religião de Cristo não começou sendo uma religião do livro; no seu primeiro impulso ela foi uma Igreja viva, que pregava de viva voz a doutrina saída não da pena, mas dos lábios do Mestre”. Acrescenta: “Os evangelhos se fundam sobre aquilo que os apóstolos viram e ouviram, acreditaram e pregaram (cada um com sua modalidade particular) acerca da vida e da obra de Jesus, sobre aquilo que a Igreja viveu, acreditou, e testemunhou com a finalidade religiosa antes que biográfica, de proclamar a presença, a messianidade e a divindade do Salvador”. A. van Schaik mostra que os evangelistas “não se interessam tanto pelos fatos contingentes da história, como por aquilo que nesses fatos há de valor permanente e universal”. Hemelsoet magnificamente explica que “no início os evangelhos eram citados sem o nome dos autores. Quando, porém, correntes gnósticas heréticas começaram a impugnar a autoridade dos evangelhos pela pregação de “outro” evangelho, a “autoridade” apostólica dos evangelhos ganhou grande importância. Que nesta polêmica os nomes dos autores dos evangelhos apareçam em primeiro plano dá peso à unanimidade da tradição ainda mais que Lucas não foi apóstolo”. O mesmo se diga de Marcos. No caso de Lucas sua autoridade apostólica está firmada em Paulo e a de Marcos em Pedro, tendo ambas sido brilhantes intérpretes do que ouviram do Apóstolo das Gentes ou do Príncipe dos Apóstolos.

São Paulo mostrou toda a grandeza da doutrina do Filho de Deus: “O Evangelho é a

força de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé” (Rm 16-17).

Os Evangelhos são os livros mais valiosos do mundo, pois “nos colocam na presença do magistério de Cristo e permitem provar a autoridade divina deste magistério pelos milagres e cumprimento das profecias. Estes mesmos documentos, além disto, mostram a importância do magistério da Igreja e os caracteres especiais, incomunicáveis que o distinguem”. A beleza de suas páginas jamais foram igualadas. Seu conteúdo responde plenamente às mais profundas inquições do espírito humano.

Côn. Vidigal: Professor no Seminário de Mariana - MG